



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,

EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB

**ESTRATÉGIAS DOCENTES PARA A PROMOÇÃO DO ENSINO
APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN NA EDUCAÇÃO
REGULAR**



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

**Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão
Escolar**

ERMELINDA CONCEIÇÃO DOMINGUES SILVA

**ESTRATÉGIAS DOCENTES PARA A PROMOÇÃO DO ENSINO
APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN NA EDUCAÇÃO
REGULAR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Depto. de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UAB/UnB - Pólo de Ipatinga-MG.

Orientadora: Professora Mestre Simone Cerqueira.

BRASÍLIA/2015

TERMO DE APROVAÇÃO

ERMELINDA CONCEIÇÃO DOMINGUES SILVA

**ESTRATÉGIAS DOCENTES PARA A PROMOÇÃO DO ENSINO
APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN NA EDUCAÇÃO
REGULAR**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB. Apresentação ocorrida em 28/11/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

SIMONE CERQUEIRA DA SILVA (Orientadora)

(Examinadora)

ERMELINDA CONCEIÇÃO DOMINGUES SILVA (Cursista)

BRASÍLIA/2015

Este trabalho é dedicado a todos os alunos com quem tive o prazer de conviver e aprender;
À pequena semente, a criança especial, que me inspirou e que a cada dia vem surpreendendo com seus avanços e conquistas.

AGRADECIMENTOS

A Deus que sempre foi a minha fortaleza;

A Nossa Senhora, Mãe e intercessora em todas as dificuldades;

A minha filha amada, Marcela Emanuely Silva, por ter sido paciente com minhas ausências e ter contribuído, ouvindo e opinando;

Ao Wagner que sempre me incentivou pela busca do conhecimento;

Aos amigos que compreenderam minhas prioridades no momento.

À minha mãe, que aos 83 anos, é um exemplo de persistência e iniciativa,

Aos educadores que cooperaram prontamente com essa pesquisa;

Às orientadoras Fernanda e Simone, que muito contribuíram com esses resultados.

Muito obrigada a todos!

“(...) O magistério se assemelha muito à maternidade, à geração da vida, à formação e ao desenvolvimento de novos seres... O que faz a mãe senão passar a vida educando os seus filhos? E o que faz um professor senão trabalhar todos os dias para ajudar a formar as novas gerações?”

Da mesma forma que as mães e os pais, os mestres são aqueles que orientam, aconselham, ensinam e regam, todos os dias, dezenas de sementes. Sua função é fazer com que essas sementes cresçam, floresçam e dêem frutos capazes de alimentar os novos tempos com sua beleza multicolor e vibrante.

Os educadores-sonhadores jamais desistem de suas sementes, mesmo que não germinem no tempo certo... Mesmo que pareçam frágeis frente às intempéries... Mesmo que não sejam viçosas e que não exalem o perfume que se espera delas (...).”

“Algumas pessoas olham para a janela, vêem as rosas murchas e ficam tristes”.

Outras pessoas olham pela janela, vêem as rosas murchas e ficam felizes...

“São capazes de ver a semente...”

(Gabriel Chalita - 2004)

RESUMO

O tema pesquisado foi quanto às estratégias docentes para a promoção do ensino aprendizagem da criança com Síndrome de Down na educação regular. O objetivo deste estudo foi descrever as estratégias docentes desenvolvidas pelos professores: regente, do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e pela monitora, que realiza um trabalho individualizado. A pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal de ensino de Ipatinga, MG, em uma turma do 1º ano do 1º ciclo, que é composta por 22 alunos, sendo uma aluna com Síndrome de Down. Para a coleta de dados foram utilizados como instrumentos um questionário e uma entrevista semi estruturada. De acordo com os instrumentos utilizados na pesquisa o professor regente, mesmo tendo 18 anos de docência, é a primeira vez que trabalha com uma criança com Síndrome de Down e as informações que tem sobre a Trissomia 21 são as que adquiriu nos livros e pela internet. O professor do Atendimento Educacional Especializado tem 28 anos de docência, com especialização em educação especial e experiência. A monitora é uma estagiária do curso de pedagogia. O resultado apresenta o professor regente como referência, mas seu trabalho é planejado na lógica do diálogo e da parceria com os demais professores. Por isso as diversidades de estratégias e de metodologias culminam em um trabalho de qualidade que garantem o sucesso da criança. Apresentam também os avanços na conquista dos direitos das crianças com necessidades educativas especiais quanto ao acesso e a sua permanência no ensino regular, além de propor um repensar de concepções e valores sobre a Síndrome de Down e a inclusão para a comunidade escolar. Muitos são ainda os entraves que atrapalham sua efetivação, como a acessibilidade, a falta de estímulo familiar, de um acompanhamento com especialista e uma formação continuada para os professores. Como conclusão, o estudo traz um questionamento sobre as práticas pedagógicas presentes no âmbito escolar, de forma que o trabalho pedagógico aconteça de maneira harmoniosa e diferenciada atendendo, as especificidades e que a inclusão possa ser um projeto da escola, onde as redes de apoio, segundo Alonso (2013, cap. 3) aconteçam com sucesso pois são essenciais para sua efetivação. As conquistas são mérito de um trabalho conjunto e de pesquisas pessoais de cada professor, de modo a levar o aluno a alcançar o aprendizado e a autonomia.

Palavras-chave: Inclusão Escolar; Processo de Desenvolvimento e Aprendizagem; Aluno com Síndrome de Down; Estratégias Docentes.

LISTA DE ABREVIATURA

AEE – Atendimento Educacional Especializado

MEC – Ministério da Educação e Cultura

NEE – Necessidades Educacionais Especiais

PPP - Projeto Político Pedagógico

PROINFO – Programa Nacional de Tecnologia Educacional

SD – Síndrome de Down

PNAIC – Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa

SUMÁRIO

RESUMO	7
1-APRESENTAÇÃO	12
2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1- Inclusão escolar: histórico x atualidade	15
2.2- Processos de desenvolvimento e a aprendizagem de uma criança com Síndrome de Down.....	18
2.3- Docência e estratégias pedagógicas utilizadas no processo ensino aprendizagem da criança com Síndrome de Down da educação regular.....	21
2.4- A concepção docente a respeito da Síndrome de Down	24
3- OBJETIVOS.....	28
3.1- OBJETIVO GERAL	28
3.2 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS	28
4- METODOLOGIA	29
4.1- Fundamentação teórica da metodologia	29
4.2- Contexto da pesquisa	29
4.3- Participantes	30
4.4- Materiais	31
4.5- Instrumentos de Construção de Dados	31
4.6- Procedimentos de Construção de Dados	31
4.7- Procedimentos de Análise de Dados	32
5- RESULTADO E DISCUSSÃO	36
5.1- Estratégias docentes utilizadas no processo de ensino aprendizagem da criança com Síndrome de Down da educação regular	36
5.2- Dificuldades e facilidades presentes na atuação docente junto às crianças com Síndrome de Down no ensino regular	38

5.3- A concepção docente a respeito da Síndrome de Down e do processo de inclusão escolar.....	40
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICES	47
A - Questionário de Caracterização do Professor	47
B- Roteiro de entrevista para o professor regente.....	49
C- Roteiro de entrevista para o professor do AEE.....	50
D- Roteiro de entrevista para o monitor	51
ANEXOS	52
A- Carta de apresentação	53
B- Aceite Institucional	54
C- Termo de consentimento Livre e Esclarecido	55

LISTA DE QUADRO

Quadro 1- Tabela de Modelo de organização dos dados para análise de cada uma das entrevistas.....	33
Quadro 2 - Tabela Utilizada para a Organização dos Dados na Formação das Categorias Síntese	35

1- APRESENTAÇÃO

A escola é considerada um espaço privilegiado de socialização e aprendizagem. Um espaço que precisa ser cada vez mais pensado e repensado, tendo em vista os diferentes saberes e as diferentes culturas presentes nele. Merece grande destaque nesse contexto a educação inclusiva. As diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2/2001, no artigo 2º, determinam que:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos.(MEC/SEESP, 2001)

E esse tem sido na atualidade, um desafio para os educadores. Pois não basta apenas matricular, apesar desse já ser um grande avanço, mas também é preciso garantir a aprendizagem. É preciso garantir uma educação de qualidade. Estar dentro da sala de aula não é garantia de inclusão. Ela tem sido muitas vezes mal interpretada, sofrendo resistência às mudanças, tão necessárias para oferecer condições aos educandos de terem acesso e de permanecerem, cada um dentro de seus limites e capacidades. Se não for assim se tornará apenas uma integração. A discussão aqui perpassa por esses caminhos. Esse estudo vem propor reflexões sobre as estratégias docentes para a promoção de ensino aprendizagem da criança com Síndrome de Down na educação regular.

Tendo visto frequentemente, professores inseguros e receosos diante da possibilidade de ter em sua classe um aluno com desenvolvimento atípico, levando em conta as salas de aula lotadas, com diferentes necessidades e dificuldades, é que esse repensar se torna fundamental. Para isso serão trabalhados os seguintes objetivos: Descrever as estratégias docentes utilizadas no processo de ensino aprendizagem das crianças com síndrome Down no ensino regular, identificando as dificuldades e facilidades presentes na atuação docente junto a essas crianças. E por último, analisar a concepção docente a respeito da síndrome de down e do processo de inclusão escolar dessas crianças.

Enquanto educadora em uma escola que visa promover a inclusão, respeitando os direitos e as especificidades de cada criança, percebo dúvidas e entraves quanto ao trabalho pedagógico. Confesso que também já me senti assim, quando em 2008 recebi em minha classe uma criança com Síndrome de Down e um cadeirante com paralisia cerebral. Foi frustrante ver meu trabalho aquém do que desejava realizar. Não sabia o que planejar, como tratá-los e o que fazer com o restante da turma. Só não foi pior porque o número de alunos nessa classe era pequeno. Como a efetivação da inclusão, até então era mais uma obrigação, carregada de preconceitos, do que uma mudança de paradigmas, precisei descobrir sozinha os caminhos. Não me senti realizada, tendo em vista que a aluna com Síndrome de Down (S.D) não permaneceu na escola, pois teria me enriquecido muito se pudéssemos ter trilhado juntas até o fim do ano. Mas sempre fica algo de bom. Pelo menos o medo de não dar conta, da convivência e até mesmo de um pré-conceito que existia intrinsecamente em mim foi superado.

Mas é relevante destacar aqui o trabalho em redes de apoio. Uma gestão que se preocupa em fazer da inclusão um projeto da escola, também se preocupa em reorganizar o seu Projeto Político Pedagógico (PPP), busca recursos materiais e humanos para atender a demanda e procura despertar e incentivar ações dentro da escola que propiciem a inclusão, envolvendo os professores em um diálogo constante. Há também uma grande preocupação em envolver os pais tanto dos alunos com necessidades educacionais especiais (NEE), quanto das crianças com desenvolvimento típico. Além de uma gestão participativa e democrática, de uma rede de apoio que dialogue em prol da inclusão não se pode também deixar de pensar na formação do professor, pois as estratégias pedagógicas inclusivas não vão surgir do nada como um número de mágica. Serão necessárias muitas horas de estudo, muito planejamento, muitos erros e acertos. O que irá nortear o trabalho do professor, o que lhe irá dizer qual caminho seguir será sempre o planejamento, pautado num currículo que garanta a participação de todos.

Muito ainda precisa ser estudado e para isso o contato direto com a criança, seus pares e seus professores, é extremamente necessário, para assim identificar as estratégias pedagógicas docentes e conhecer diretamente o trabalho realizado em sala de aula. Inicialmente foi preciso realizar diversas pesquisas bibliográficas com os autores: Vigotski (1998), Coelho (2010), Alonso (2013), Castro e Pimentel (2009), Pena (2005), Jesus e Martin (2004), dentre outros.

Para realizar essa pesquisa o trabalho em questão foi dividido em cinco capítulos, sendo composto por: fundamentação teórica; objetivos; metodologia; resultados e discussão e considerações finais.

Na fundamentação teórica foram apresentadas reflexões sobre o histórico da inclusão escolar e a atualidade; os processos de desenvolvimento de uma criança com Síndrome de Down; docência e estratégias pedagógicas utilizadas no processo ensino aprendizagem das crianças com Síndrome de Down da educação regular e a Concepção docente a respeito da Síndrome de Down. Na metodologia apresentou-se reflexões quanto à fundamentação teórica da metodologia, o contexto da pesquisa, os participantes, os recursos materiais, os instrumentos de construção de dados e os procedimentos de construção e de análise de dados.

2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A inclusão de uma pessoa com necessidades educacionais especiais no ensino regular é uma discussão que se iniciou a décadas e que perpetua até os dias atuais. O sonho de ver acontecer, de se tornar realidade, foi uma luta de educadores, pais e pesquisadores. Pensar em inclusão é importante, mas também é fundamental refletir sobre o que é incluir de fato, pois este é um tema polêmico. Muitas práticas educacionais direcionam o seu trabalho de inclusão para a integração, ou seja, uma inclusão parcial do educando. A inclusão vai além, propõe a inserção como um todo e para isso as escolas, responsáveis pela prática pedagógica e a formação de seus alunos, precisa repensar sua organização, que se pauta numa cultura homogeneizadora e passar a buscar estratégias que assegurem os direitos de aprendizagem de todos, dentro de um espaço rico em heterogeneidade. Tais estratégias precisam respeitar a singularidade de cada um. Assim para guiar o presente projeto de pesquisa, essa fundamentação teórica será apresentada em quatro seções, sendo que a primeira seção tratará do histórico da inclusão e seu contexto atual, buscando conhecer seus entraves e conquistas. Na segunda seção será dado enfoque aos processos de desenvolvimento e aprendizagem de uma criança com Síndrome de Down, na terceira seção o foco é sobre a docência e as estratégias pedagógicas utilizadas no processo ensino aprendizagem das crianças com Síndrome de Down da educação regular e na quarta e última seção falaremos sobre a concepção docente a respeito da Síndrome de Down e a inclusão.

2.1-Inclusão escolar: histórico x atualidade

Há alguns anos, era raro ver crianças especiais matriculadas no ensino regular. Ou frequentavam escolas especiais como a APAE ou ficavam “guardadas” em suas casas, vivendo uma segregação e sofrendo preconceitos. Para Voivodic, (2004, p.58), de acordo com Castro e Pimentel (2009,p. 307), “[...] nos anos de 1950 e 1960, as respostas institucionais às necessidades educacionais das crianças com deficiência mental foram as classes especiais ou centros educacionais específicos.”

Existia a ideia de dois sistemas educacionais: o regular, que deveria atender as crianças ditas “normais” e o especial, que atendia aqueles alunos de quem não se esperava

grandes avanços, dando uma falsa ideia de inclusão. Contudo ambos não podiam se intercomunicar. Sendo assim, alunos com baixa capacidade intelectual deveriam ir para escolas especiais. Era o paradigma da segregação. Outro paradigma que também se manteve forte e em alguns casos permanece até hoje é o da integração. Ele abriu espaço para o acesso das diferenças no ensino regular, mas, no entanto, sem fazer qualquer alteração em seu plano de ação. Pelo contrário, os alunos especiais é que deveriam se adaptar ao sistema e garantir sua permanência e seu sucesso. Pois se acreditava que a escola trabalhava corretamente. (CASTRO E PIMENTEL, 2009, p.307).

Com o sucesso alcançado nas pesquisas relacionadas à neurociência, muitos avanços na concepção do desenvolvimento cerebral de crianças com necessidades educacionais especiais (NEE) foram alcançados. Cria-se então a ideia de inclusão, com um novo olhar sobre o sistema de ensino regular. Desse modo não mais segrega e separa do convívio social mas buscando alternativas que possibilitem atender as especificidades e acabar com os rótulos e estereótipos tão marcantes na vida de uma pessoa com Síndrome de Down.

Para Castro e Pimentel (2009, p.310), “a proposta de inclusão colocou para a escola regular o desafio da atenção à diversidade e trouxe como necessidade um currículo que abrangesse o atendimento a esses alunos prevendo a”,

inserção de todos, sem distinção de condições linguísticas, sensoriais, cognitivas, físicas, emocionais étnicas, socioeconômicas ou outras e requer sistemas educacionais planejados e organizados que deem conta da diversidade dos alunos e ofereçam respostas adequadas às suas características e necessidades (BRASIL,1999, p. 17).

Há uma diversidade de documentos que garantem este atendimento. Figueiró e Moussa (2011), em seu artigo reforçam o que diz na Declaração de Salamanca (1994):

As crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas devem se adequar [...]”,propõe que pois tais escolas “constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos (UNESCO, 1994, p. 8-9).

Na atualidade a inclusão escolar tem sido tema de grandes debates e tem apresentado para o sistema de ensino brasileiro grandes desafios, como a questão referente ao acesso e permanência da criança com necessidades educacionais especiais (NEE), no ensino regular. Muitas escolas já têm avançado muito nesse processo de discussão e têm implantado ações que valorizam as diferenças e incentivem a inclusão.

De acordo com os dados do Censo Escolar 2014, houve um crescimento significativo quanto às matrículas de alunos com deficiência no ensino regular. Estatísticas indicam que no ano de 2014, 698.768 estudantes especiais estavam matriculados, sendo quase 900 mil matrículas e 79% delas em turmas comuns, enquanto que em 1998, cerca de 200 mil pessoas estavam matriculadas na educação básica, sendo apenas 13% em classes comuns.(PORTAL BRASIL.2015/03)

Para Coelho (2010, p.55), “[...] o grande desafio do processo histórico da inclusão educacional é passar do plano de princípios, das declarações para a implementação de uma prática, no plano da ação.” Se a escola tem o dever de se adequar e de combater a luta contra o preconceito cabe então aos órgãos públicos e políticas educacionais possibilitar esses meios. É fundamental que as escolas tenham autonomia, de modo que possam decidir suas ações, definindo suas prioridades. Pois só a partir daí é que se poderá destinar os recursos provenientes de políticas públicas. Além de melhorias e adequações nas estruturas físicas é preciso, e talvez até mais urgente, investimento na formação da comunidade escolar para que este atendimento, de fato dissemine a discriminação e não acabe tendo resultado contrário. O foco deixa de ser só o atendimento clínico, que segrega e exclui, e passa a ser um trabalho em conjunto, de parceria em prol de uma educação libertadora.

A visão da comunidade escolar, dos pais e da sociedade em geral, em relação à deficiência tem mudado muito. As crianças que antes eram escondidas em casa, privadas do convívio social, estão saindo para o mundo, enfrentando juntamente com seus familiares essa sociedade seletiva e estão mostrando que querem seus direitos sendo respeitados e que não é preciso ter medo, porque deficiência não se pega com o toque, com o contato físico. Tudo o que querem é o mesmo que qualquer pessoa sem limitações também quer, que é o carinho, o amor e o respeito de todos.

A educação inclusiva se faz presente no ensino regular, não podendo mais ser ignorada. Desculpas sem fundamento para protelar a inclusão não podem mais serem aceitas.

É preciso se construir uma escola e uma sociedade que respeite as diferenças e lute contra a discriminação, mesmo que a passos lentos, pois o que não se pode mais é esperar. Nenhuma transformação social cai de paraquedas na vida das pessoas. É preciso muita luta até se alcançar a vitória. E para as crianças com Síndrome de Down e seus familiares não é diferente. Muitas conquistas foram alcançadas e muitas ainda precisam se realizar. O direito de fazer parte do ensino regular já está garantido, a luta agora é que esse acesso possibilite às crianças com Síndrome de Down, se desenvolverem dentro de suas potencialidades, sendo tratadas com respeito e sem diferença.

2.2- Processos de desenvolvimento e aprendizagem de uma criança com Síndrome de Down

Pensar em processos de desenvolvimento e aprendizagem de uma criança com Síndrome de Down (SD) é em primeiro lugar pensar na busca de conhecimento e de informações. Só pelo conhecimento de suas singularidades é que os professores poderão criar posturas inclusivas em qualquer contexto social. Ser um professor inclusivo dentro de escola inclusiva é participar da construção de uma sociedade mais justa e igualitária, livre de preconceitos. Justiça e igualdade são valores que alicerçam a vida de todas as pessoas, mas em especial a vida de todas as pessoas que sofrem uma exclusão por serem diferentes e não obedecerem a um padrão de normalidade determinado por uma minoria.

Conhecer a criança com Síndrome de Down antes de iniciar sua formação, reforça o compromisso dos professores, como relata Alves (2007, p.41),

[...] na criança com Síndrome de Down a prontidão para a aprendizagem depende da complexa integração dos processos neurológicos e da harmoniosa evolução de funções específicas, como a linguagem, percepção, esquema corporal, orientação espaço-temporal e lateralidade.

Para aprender e se desenvolver a criança com Síndrome de Down precisa amadurecer suas funções neurológicas, através de atividades diárias. Essas atividades para serem bem desenvolvidas e poderem levar à aprendizagem exigem do professor conhecer sobre a Síndrome de Down. Castro e Pimentel (2009, p.304) assim a definem:

A Síndrome de Down é um acidente genético que ocorre no par do cromossomo 21, com a presença de um cromossomo extra. Por isso, essa síndrome é também chamada de trissomia 21. A presença extra desse cromossomo acarreta no desenvolvimento intelectual um retardo leve ou moderado, em virtude de alterações cerebrais.

As autoras ainda destacam que as crianças com Síndrome de Down, apresentam também características físicas semelhantes como:

“aparência arredondada da cabeça, pálpebras estreitas e levemente oblíquas, boca pequena podendo-se projetar um pouco a língua, única prega palmar, pescoço curto, mãos e pés pequenos e grossos etc.; diferem entre si em aspectos gerais do desenvolvimento como: linguagem, motricidade, socialização e habilidades da vida diária. Porém, comumente apresentam crescimento físico mais lento; maior tendência a aumento de peso; atraso no desenvolvimento motor devido à hipotonia nos primeiros meses devida, ou seja, menor tonicidade nos músculos e atraso no desenvolvimento mental.” (CASTRO E PIMENTEL, 2009, p. 304)

Torna-se fundamental então que os professores tenham esse conhecimento para se pensar num processo educacional que promova o seu desenvolvimento e aprendizagem, propiciando assim uma qualidade de vida. Há intervenções, como exercícios com fisioterapeuta e com fonoaudiólogo, que estimulam as potencialidades e o desenvolvimento das atividades cerebrais, sendo necessário portanto conhecer as limitações de cada um. O que é relevante aqui é respeitar o tempo de aprendizagem de cada criança e não limitar a mesma apenas na aquisição dos conceitos, nos diferentes conteúdos e disciplinas. Além do desenvolvimento cognitivo e motor, também é preciso trabalhar a capacidade de conviver com autonomia, levando-os para fora dos muros da escola. Não limitar o espaço de convivência da criança com Síndrome de Down na sala de aula ou na família. É necessário seu contato com diferentes estruturas sociais de modo que enriqueça seu vocabulário e com isso melhore sua articulação oral e conseqüentemente, escrita.

Segundo Vigotski (1998; 1934, p. 5), “é no significado da palavra que o pensamento e a linguagem se unem em pensamento verbal”. Pois é no contato diário com os interlocutores é que, paulatinamente, a criança com Síndrome de Down vai se empoderando do seu processo de aprendizagem. A linguagem é uma habilidade de extrema importância para o

desenvolvimento e aprendizagem de uma criança, sendo ela atípica ou não. É o meio de comunicação mais usado em todo o mundo. Não somos capazes de conviver socialmente sem falar, ouvir, gesticular, escrever e expressar sentimentos, de maneira verbal ou não. Desde o momento em que nascemos, estamos nos comunicando. Por isso o ambiente irá determinar, e muito, na aquisição da linguagem de uma criança com Síndrome de Down. Uma estimulação precoce e de qualidade se faz necessária e esta deverá começar em casa. Os pais precisam tomar muito cuidado, pois já tem intrinsecamente a disposição de fazer para a criança, de querer “proteger” a criança com desenvolvimento atípico, se antecipando ao seu aprendizado. Pequenas ações como escolher uma roupa, ir a uma padaria, preparar um lanche, são realizadas pelos pais, que consideram seu filho com Síndrome de Down, incapazes para tal. Acaba-se fazendo por elas, como ressalta Pena (2009, p. 2),

numa relação que se trava com a criança sem a síndrome, confia-se que é capaz de aprender a adquirir autonomia. Já na relação com a Síndrome de Down falta a confiança, furtando-se muitas oportunidades de que aprendam e adquiram autonomia.

Na escola é muito comum também a superproteção, que acaba dizimando esses alunos em sua aprendizagem. Esse é um comportamento comum não só entre os professores mas também entre colegas. O desejo de cuidar e proteger cria dependências desnecessárias. O amor, o carinho são importantes no processo de socialização destes alunos, mas o mesmo não pode se sobrepor às possibilidades de aprendizagem pela qual devam passar. Para a criança com Síndrome de Down, é possível sim adquirir habilidades que lhe possibilitarão ter uma vida independente, executar tarefas cotidianas, bem como se profissionalizar, dentro de suas possibilidades

Se todo o processo de aprendizagem e desenvolvimento de uma criança com Síndrome de Down, é mais lento em relação às demais crianças com desenvolvimento típico, a aquisição das habilidades também ocorrerão de maneira diferenciada. Mas o importante é que acontecerão e serão determinadas pelos estímulos recebido e do quão cedo foram introduzidos. Professores e pais precisam ter paciência e respeitar o tempo da criança. Cada pequeno avanço precisa ser percebido e incentivado. É inerente em uma criança com

Síndrome de Down o apego, o carinho e expressões de afetividade. Então deixá-la saber de seus progressos irá ser um grande incentivo e estímulos para que continue sua busca pelo conhecimento e pela sua autonomia. Deixar a criança ser sujeito de sua aprendizagem não é fácil, sendo ela com desenvolvimento atípico ou não, mas para isso é essencial que o professor esteja, a todo o momento, repensando suas estratégias pedagógicas, de maneira que garanta esse direito de aprendizagem de seus alunos. .(PENA, 2009,p.2)

2.3- Docência e estratégias pedagógicas utilizadas no processo ensino aprendizagem da criança com Síndrome de Down da educação regular.

Se temos em, nós o instinto inerente de cuidar e proteger, como construir estratégias pedagógicas que possibilitem aos alunos com desenvolvimento atípico aprender a ler e escrever e a superar suas limitações, se tornando independentes? Acredito que não é um trabalho solitário. Nenhum professor pode dizer que dá conta sozinho, apesar de algumas vezes, o sistema educacional no qual está inserido, achar que sim. E esse fato muitas vezes causa uma sensação de frustração nos professores. A realidade das escolas no Brasil é de superlotação nas salas de aula, e receber um aluno que requer estratégias pedagógicas diferenciadas traz certa dificuldade, tendo em vista que os demais alunos também têm suas dificuldades e necessidades também diferenciadas. Então merecem destaque nesse tópico os seguintes pontos: o currículo, o planejamento e o trabalho de parceria com outros profissionais. Para Coelho (2009, p.69), é preciso desenvolver processos de ensino-aprendizagem e de avaliação mais individualizado, planejamentos que possam ser (re)construídos e que sejam resultado de um trabalho conjunto [...]

Começaremos então, a pensar sobre o currículo. Primeiramente, ele precisa ser repensado e replanejado, tendo em vista que em sua maioria, ainda é organizado numa perspectiva integradora. Muito dificilmente uma escola mudaria sua organização tendo como foco a educação inclusiva. Na prática, o sistema educacional ainda é organizado para os alunos considerados normais. Cada aluno deve se adequar à escola. Mas pensando em uma escola que já tem seu Projeto Político Pedagógico (PPP) pautado numa visão de inclusão e que os seus objetivos estejam voltado para essa clientela, deve-se então partir do ponto de que é necessário ficar atento as particularidades de cada criança, pois cada uma é única. Se há

então uma singularidade, o currículo também deve ser diferenciado, tendo em vista que as crianças com Síndrome de Down apresentam um atraso no desenvolvimento cognitivo e uma defasagem na linguagem, levando a uma memória curta e a um déficit de atenção. Segundo Castro e Pimentel(2009, p. 306),

nas crianças com a síndrome a aquisição e a evolução da linguagem se processam lentamente. Por isso a necessidade dos estímulos externos, tendo em vista que elas apresentam atraso na produção e articulação dos sons que dependem dos movimentos da língua, dos lábios, dos dentes, dos maxilares. Esse atraso na produção e articulação pode dificultar o ritmo e fluência da produção dos textos orais. Diante disso, quanto maior for o contato com as pautas interativas orais, maiores serão as possibilidades de desenvolvimento, pois o cérebro possui capacidades de aprendizagem, que estão atreladas à internalização de estímulos que se dão por meio da aprendizagem, intimamente ligada aos fatores ambientais e sociais.

Torna-se importante então um acompanhamento multidisciplinar, como o que foi possível presenciar nessa pesquisa, onde professor regente trabalha em parceria com o professor da sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), numa relação dialógica buscando alternativas que possam propiciar uma aprendizagem de qualidade. Para as crianças com Síndrome de Down é garantido o direito ao acesso em escolas regulares como também o de receber o acompanhamento no Atendimento Educacional Especializado. O professor do Atendimento Educacional Especializado, precisa ter como requisito uma formação específica em educação especial, manter um diálogo constante com o professor regente e com os especialistas que acompanham a criança, através dos laudos médicos e relatórios. Cabe então a ele elaborar e executar um plano de trabalho que atenda a cada especificidade, com estratégias diferenciadas através de jogos, o uso da informática e o trabalho em grupo. Merece também destaque o trabalho que envolve a leitura, através da contação de história, da caracterização de personagens, do faz de conta, onde a criança com síndrome tenha a possibilidade de estar em contato com esses momentos de maneira efetiva, participando e interagindo, pois é pela repetição e pela interação que a sua capacidade de aprendizagem fica mais desenvolvida.

Castro e Pimentel (2009, p.305), afirmam que:

É importante que a escola tenha no seu planejamento diário atividade que exijam do sujeito com a síndrome trabalhos de: cooperação, organização, constituição, movimentos, compreensão, exploração de propostas lúdicas e materiais diversos para que a criança possa realizar atividades motoras como: correr, pular, rolar, entre outras. Essas ações contribuirão para o desenvolvimento social, afetivo, motor e da linguagem. Quanto maior for a sua estimulação, mais internalizados serão os domínios.

Sabemos que uma criança com Síndrome de Down foca sua atenção em períodos de tempo muito curtos e por isso mesmo as atividades lúdicas precisam ser rápidas e diferenciadas. Outro aspecto que merece discutir é quanto à compreensão de regras de convivência e de sua efetivação, tendo em vista que a criança com Síndrome de Down tem um comportamento hiperativo, sendo às vezes teimosa. O trabalho de rodinha ou de lembrar os combinados, se faz necessário a todo momento. São especificidades que se o professor não levar em conta, podem passar despercebidas e automaticamente serem causas de uma prática pedagógica não condizente e que acabe excluindo a criança.

Esse é um trabalho que exige do professor ser um pesquisador e enquanto pesquisador ter um olhar sempre voltado para a criança e suas particularidades. E ser pesquisador não é fácil, demanda tempo de estudo, o que muitas vezes é um dificultador, devido ao acúmulo de trabalhos burocráticos ou ao fato de precisar trabalhar em mais de uma escola.

Outro ponto importante é o trabalho individualizado (monitoria) para aquela criança com Síndrome de Down, que ainda não adquiriu habilidades motoras e cognitivas que lhe possibilite ter uma independência e autonomia em suas ações dentro da escola. Como o que acontece na escola em que a pesquisa aconteceu e que a criança em estudo, recebe esse acompanhamento. É um suporte pedagógico para o professor e o aluno. O trabalho desse monitor é o de ajudar nas atividades, na organização espacial, no cumprimento de regras e combinados, no desenvolvimento da autonomia, sabendo usar os diferentes espaços da escola, bem como ajudar adquirir o controle dos esfíncteres, ficando atenta aos momentos em que a criança necessite ir ao banheiro. Esse acompanhamento é um direito também garantido por lei.

Torna-se então fundamental o professor compreender que a inclusão requer valorizar a diversidade, respeitar o tempo de cada aluno, seus limites e possibilidades. O ensino

tradicional aqui perde seu valor (aliás, em qualquer situação precisa ser repensado), tendo em vista que o mesmo culpa o aluno pelo seu fracasso e tira de si a responsabilidade pelo não sucesso do aluno, principalmente daqueles com desenvolvimentos atípicos. Não cabe ao professor achar que sua parcela na inclusão é apenas aceitar o aluno na sala de aula, mas é necessário também mudanças de concepções, como veremos a seguir.

2.4- A concepção docente a respeito da Síndrome de Down

O mundo contemporâneo, desde a segunda metade do século XX, assiste sistematicamente à emergência de movimentos sociais urbanos e não urbanos que lutaram pelo reconhecimento de suas idéias e concepções políticas. (DINIZ, 2012, p.27)

A sociedade em geral tem passado por transformações tanto no campo social e cultural quanto político. A luta por direitos, a criação de leis e sua efetivação tem criado novos paradigmas e valores que regem o convívio social. De acordo com a história, sabemos que a escola sempre foi um espaço de segregação, onde se buscava criar um ambiente homogêneo. Quanto a esse aspecto assim diz Castro e Pimentel (2009,p. 307), “O paradigma segregacionista preconizava um sistema educacional dividido em dois subtemas: regular e especial[...].”

A escola tinha o seu currículo fechado, com regras rígidas e o aluno e seus pais é que deveriam se adequar a ela, e caso essa adaptação não acontecesse o aluno era convidado a se retirar da escola. Esse modelo de escola se preocupava com resultados quantitativos. Atender alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), significava uma queda nesses resultados. Era a escola para os alunos “bons”. E para isso os professores deveriam também ser bons. Ser bom professor no modelo de escola tradicional significava não questionar o trabalho da escola e sua metodologia. O ensino deveria focar na memorização, ou seja, no decorar, sem se preocupar com a formação do cidadão autônomo.

Esses professores em sua maioria eram frutos de uma formação acadêmica que comungava com essa mesma linha de pensamento. Segundo Diniz (2012, P. 29):

As práticas dos profissionais que atuam com esse público estão marcadas por uma formação precária para atuar com esses sujeitos, pois em grande parte sua formação baseou-se num modelo em que a questão ética não se fez presente, não interrogando os valores subjetivos dos professores e professoras, escondendo também os sujeitos submetidos a essas práticas.

Eram formados para atuarem de maneira metódica. Com as mudanças nas leis educacionais, a escola passou a ser para todos, incluindo as crianças com necessidades educacionais especiais (NEE). E aí começou um grande impasse. Professores que receberam uma formação que não lhes possibilitou terem uma base para atender esses novos alunos começaram a se desesperar e criaram uma rejeição à inclusão. O medo do fracasso enquanto docente, afastava esses professores desses alunos. Não os culpo, pois tudo que é diferente causa receio. Algumas pessoas enfrentam esses medos e outras preferem se afastar. Mas para aqueles que ficam o desenrolar da história é de muitas alegrias e realizações.

Preocupadas então em ajudar esses professores que aceitaram o desafio da inclusão é que diversas instituições acadêmicas, foram abrindo espaço para uma formação inovadora que direcionava a atenção dos professores quanto ao olhar para o educando. O fator quantitativo não era o foco principal, mas passou-se então a preocupar-se com a qualidade. Juntamente com essas inovações nas universidades, o governo começou a proporcionar cursos de formação continuada aos professores. E só de posse dos conhecimentos, que se iniciou o processo de mudança nas concepções dos professores, começou a se construir um novo modelo de escola. Uma escola inclusiva, que acolhe os alunos especiais, procurando lhes proporcionar um ambiente de desenvolvimento e aprendizagem. Para isso tornou-se fundamental conhecer a deficiência do aluno para assim se iniciar o trabalho.

Sabemos que ainda hoje muitas escolas resistem à essa nova realidade, se negando ainda a receber crianças com Síndrome de Down. Mas para que seja garantida a efetivação do direito de ser incluída em uma escola regular, foi criada também uma lei que determina multa para as instituições que se negarem a recebê-las. Incluir aqui não é só dar a essas crianças de direito de conviver no ambiente escolar, focando apenas no fator socialização. Incluir aqui significa garantir um aprendizado de qualidade, que respeite os limites e o tempo de cada educando com necessidades educacionais especiais.

Como o foco dessa pesquisa é a Síndrome de Down, a concepção do professor em relação à mesma é um aspecto relevante no processo de aprendizagem dessa criança no ensino regular, pois será o seu norteador quanto ao trabalho pedagógico que irá realizar. Segundo Castro e Pimentel (2009,p. 305),

uma das formas se investir nas possibilidades de desenvolvimento da criança com Síndrome de Down é a compreensão de que a síndrome não se constitui em uma doença, que pode ser prevenida, que se tem cura ou tratamento para se diminuir o grau do comprometimento na base cognitiva. Existem sim processos de intervenção que podem estimular as potencialidades de modo que o cérebro possa, dentro da sua plasticidade, responder aos estímulos e as exigências externas que são feitas aos indivíduos.

Os processos de desenvolvimento de uma criança com Síndrome de Down não pode se limitar ao desenvolvimento cognitivo, mas também ao desenvolvimento da sua autonomia, pois só a partir da aquisição dessa habilidade que as demais serão adquiridas. Como foi citado anteriormente, as pessoas com Síndrome de Down viviam de maneira isolada da sociedade, seus familiares se sentiam fracassados e os afastavam do convívio social. E por isso ser independente era uma habilidade nem sequer sonhada para essas crianças.

Outra concepção que deve ser ponto de estudo para o professor é quanto à adaptação do currículo em suas diferentes vertentes, metodologia, conteúdo, direitos de aprendizagem e o tempo que cada criança com Síndrome de Down precisa para se desenvolver. E diante desses pontos poderem repensar também na forma de avaliação. Um professor de uma criança com Síndrome de Down precisa ter uma organização curricular, com atividades bem diferenciadas e dinâmicas, pois para elas o tempo de concentração é muito pequeno. Então cabe a esse professor ser dinâmico e criativo.

A mudança na postura do professor e nas suas concepções, é um processo demorado, tendo em vista que ele também é um ser com uma cultura própria e com princípios que lhe foram passados em toda sua vida e dos quais são certezas. Abrir mão de um valor, mesmo não sendo ele um bom valor é doloroso para qualquer ser humano e também o é para o professor. Assumir a proposta de inclusão demanda sair do comodismo, de uma organização de

ambiente escolar que continua separando os alunos e de uma ação que deixa de ver o aluno como um receptor de conhecimento e o professor o detentor desse conhecimento.

Não basta uma mudança no espaço físico para se dizer que uma escola é inclusiva. É preciso também mudanças nos valores e nos princípios norteadores dessa ação. Não basta o governo equipar as escolas se não houver um investimento na formação continuada dos professores para assim eles compreenderem que a inclusão começa primeiramente dentro de cada um, quebrando pré-conceitos e concepções arcaicas e discriminatórias. Para Diniz (2012, p. 32):

Assim, uma prática docente que inclua os sujeitos e suas diferenças exige também formação que alcance a concepção do sujeito de nossos tempos como fruto de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento racional e científico.

Uma prática docente que atenda a todos os requisitos que uma educação inclusiva requer, não se adquire da noite para o dia e nem tão pouco é possível encontrar receitas prontas e eficazes na internet ou nos livros. Alguns conhecimentos e habilidades só podem ser conquistados pelo professor através de sua prática diária, de seus erros e acertos. É na convivência que se vai construindo um professor inclusivo.

3- OBJETIVOS

3.1- OBJETIVO GERAL

Analisar as estratégias docentes utilizadas no processo de ensino aprendizagem das crianças com síndrome Down no ensino regular.

3.2- OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Conhecer as estratégias docentes utilizadas no processo de ensino aprendizagem das crianças com síndrome Down no ensino regular.
2. Identificar as dificuldades e facilidades presentes na atuação docente junto às crianças com síndrome de down no ensino regular.
3. Identificar a concepção docente a respeito da síndrome de down e do processo de inclusão escolar dessas crianças.

4 - METODOLOGIA

4.1- Fundamentação teórica da metodologia

O suporte teórico é a base para uma prática pedagógica coerente e eficaz. Mas só o exercício diário, as interações entre os pares, levam a resultados qualitativos. E para que essas interações aconteçam com propriedade, é que o método adotado foi a pesquisa qualitativa para assim poder conhecer de perto os anseios, entraves e conquistas do trabalho de inclusão no âmbito escolar, pois este estudo possibilitou conhecer de perto as estratégias pedagógicas docentes realizada pelos professores, suas dificuldades e facilidades, bem como suas concepções sobre a Síndrome de Down e a inclusão escolar.

Para que a inclusão aconteça de fato, a escola precisa ter claro em seu Projeto Político Pedagógico seus objetivos e propostas de trabalho, de forma a possibilitar o desenvolvimento integral dessa criança, não focando apenas nos avanços cognitivos, mas também na aquisição da autonomia, proporcionando assim uma vida de qualidade para ela e seus familiares de modo que possa aprender a viver e conviver dentro e fora dos muros da escola.

Segundo Castro e Pimentel (2009, p. 308), “o currículo da escola regular precisa ser re-pensado em relação às pessoas com Síndrome de Down”. Deve-se levar em consideração aqui, a singularidade de cada um, o tempo de aprendizagem e as limitações. A escola deve ser dinâmica ao realizar essas atividades, pois assim culminará com o sucesso não só da criança com desenvolvimento atípico com também daquelas com desenvolvimento típico.

4.2- Contexto da pesquisa

Esta pesquisa acontecerá em uma escola da rede municipal de ensino de Ipatinga. O estudo se dará em uma turma do 1º ano do 1º ciclo do ensino fundamental. A escola funciona em dois turnos (matutino e vespertino) e atende a 950 alunos do 1º ao 9º ano. A unidade escolar em questão atende a uma clientela diversificada, muitos com vulnerabilidade social, dependendo de bolsa família para sobreviverem. Atende também alunos de um bairro vizinho, que ainda não tem uma escola construída. Desde 2010, a escola tem implantado, o Mais Educação, um programa do Governo Federal, que tem atendido ultimamente 139 crianças do 1º ao 5º ano, em oficinas que buscam desenvolver além da leitura e escrita, habilidades que envolvem a dança, a arte e capacidade de tocar instrumentos diversos. E do 6º

ao 9º a escola oferece, através de uma parceria entre prefeitura e um clube esportivo atividades físicas, como o Judô e aulas de reforço através do PROINFO (Programa de Informática). A equipe diretiva é composta por um diretor, dois vice-diretores e três coordenadores pedagógicos (dois para acompanhar os professores e alunos do 1º ao 5º ano e um para acompanhar professores e alunos do 6º ao 9º ano). A maioria dos professores é efetivo na escola, o que garante uma continuidade do trabalho pedagógico. Apesar de todo esse investimento no pedagógico ainda é possível encontrar um número considerável de crianças com déficit de aprendizagem, que ainda não têm um laudo médico, mas que necessitam de apoio pedagógico. E essas crianças são atendidas no atendimento educacional especializado (AEE). Além dessas crianças a escola também atende duas crianças com Síndrome de Down, duas com autismo (sendo uma também cadeirante), uma com Síndrome de Willians e várias com suspeita de déficit de atenção.

Diante de um quadro bem diversificado, a escola necessita de projetos que atendam à essa demanda, bem como do comprometimento dos profissionais que nela trabalham.

4.3- Participantes

Participaram deste estudo duas professoras, uma regente de sala de aula e outra especialista do Atendimento Educacional Especializado. A professora regente (A1) tem 46 anos. Sua formação é em Pedagogia, com especialização em Gestão administrativa da educação. Atua como professora a 18 anos e nessa escola está a dois anos, sendo a primeira vez que tem em sua classe uma aluna com Síndrome de Down. A professora do AEE tem 51 anos, sendo 28 deles como docente. Sua formação é em Pedagogia com Especialização em Tutoria para a Educação à Distância e em Educação Especial. Trabalha nessa escola a três anos e é o segundo ano que atende no AEE. Ambas atuam no processo de inclusão educacional de uma sala de aula do ensino regular cujas crianças, em sua maioria (21 crianças), não apresentam deficiência, e somente uma apresenta desenvolvimento atípico, Síndrome de Down. Além dessas professoras, também participou deste estudo a monitora da criança, que vem acompanhando-lhe em sua rotina de atividades. A professora regente e a professora do AEE vêm trabalhando com essa turma há dois anos. Já a monitora por ser contratada, não é a mesma do ano passado. É uma aluna de pedagogia e que conseguiu criar

laços de amizade e confiança com a criança e demais aluno da classe, bem como com os professores.

4.4- Materiais

- Gravador digital acoplado a um celular
- Papel A4
- Impressora

4.5- Instrumentos de Construção de Dados

A construção dos dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário que teve como objetivo investigar os dados pessoais, a formação acadêmica e experiência docente dos participantes envolvidos. As professoras responderam a um questionário, individualmente, em horário extra turno na própria escola. Foi realizada, ainda, uma entrevista semiestruturada, individualmente, com cada uma das participantes, a fim de investigar três eixos norteadores deste estudo: (a) as estratégias docentes utilizadas no processo de ensino aprendizagem das crianças com síndrome Down no ensino regular; (b) as dificuldades e facilidades presentes na atuação docente junto às crianças com síndrome de Down no ensino regular; e (c) a concepção docente a respeito da síndrome de Down e do processo de inclusão escolar dessas crianças.

4.6- Procedimentos de Construção de Dados

Os dados deste estudo foram construídos pela própria pesquisadora, em um período de 3 semanas, no mês de setembro de 2015, e consistiu de 3 fases. Na primeira, o objetivo foi apresentar a proposta de pesquisa para a direção escolar a fim de obter a autorização para a sua realização, bem como obter o Projeto Pedagógico da Escola para a sua melhor caracterização nesta pesquisa. Na segunda, o objetivo foi apresentar a proposta da pesquisa para as professoras selecionadas pela direção escolar considerando a disponibilidade delas para participarem do estudo, bem como apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi assinado em duas vias. Neste momento foi acordado em qual dia/horário

seria aplicado o questionário e realizada a entrevista com cada uma das participantes. Na terceira, e última fase, foi aplicado o questionário e realizada a entrevista semi estruturada com cada uma das participantes, em separado, com o objetivo de descrever e analisar o processo de mediação presente no papel do professor durante o processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

4.7- Procedimentos de Análise de Dados

Os dados foram analisados com base na análise de conteúdo proposta por Dessen, M.A, Cerqueira- Silva (2009)

O procedimento de análise dos dados das entrevistas foi realizado em duas etapas: primeiramente de cada entrevista em particular e em seguida do grupo de entrevistadas, no caso as professoras que atuam no trabalho pedagógico com a aluna com Síndrome de Down. Este procedimento foi realizado em diferentes etapas, que serão descritas a seguir:

A primeira etapa realizada para a Análise de Conteúdo de cada uma das entrevistas foi:

1. Seleção e exploração do material (pré-análise).

Após a transcrição das entrevistas selecionou-se um grupo de participantes para que as entrevistas fossem analisadas. A partir disso, foi realizada a leitura de cada uma das entrevistas do grupo selecionado – professor.

2. Codificação (exploração do material).

Nesta etapa o pesquisador identifica e marca os temas no texto, na própria transcrição digital.

3. Agrupamento dos temas (categorização).

Após a leitura dos temas observados na entrevista, serão identificados aqueles que possuem semelhança ou que estão relacionados entre si. Esse agrupamento é realizado de

modo a envolver o maior número possível de temas. Ao final, cada um desses agrupamentos resultará em uma categoria, a qual deverá obedecer aos seguintes critérios:

- a) Exclusão mútua: exige a ausência de ambiguidade e/ou superposição das categorias. Isso indica que uma categoria não pode estar contida ou relacionada com outra, devendo essas ser mutuamente excludentes.
- b) Homogeneidade: exige que todos os temas agrupados tenham uma relação entre si, mesmo que seja por oposição ou complementação. Cada categoria, então, deve ser capaz de incluir todas as particularidades possíveis de um conjunto de temas.
- c) Pertinência: exige que a análise realizada corresponda ao que melhor explique ou caracterize o objeto de pesquisa.

Esse processo de categorização pressupõe a elaboração de várias versões do sistema; as primeiras são aproximativas, sendo lapidadas e enriquecidas para tornarem-se mais completas e satisfatórias (PUGLISI & FRANCO, 2005).

1. Definição e validação das categorias empíricas.

Para garantir que as categorias criadas fossem válidas e objetivas, foi realizada uma análise de juiz. Essa análise envolveu outro pesquisador, com experiência em Análise de Conteúdo, envolvendo os três passos acima descritos para a mesma entrevista. Ambas as análises foram comparadas para verificar se existia concordância entre elas; caso contrário, ocorria uma nova discussão até que se chegasse a um consenso quanto às categorias identificadas e seus respectivos temas.

A tabela 1 apresenta o modelo de organização dos dados para análise de cada uma das entrevistas.

Tabela 1. Modelo de organização dos dados para análise de cada uma das entrevistas

Categoria	Tema	Subtema	Verbalização
1.			
2.			
3.			

4.			
----	--	--	--

Após a finalização das quatro primeiras etapas de análise para todas as entrevistas, iniciou-se o processo de análise das entrevistas em conjunto. As etapas para essa análise foram: (a) formação das categorias síntese; (b) classificação dos temas; e (c) definição das categorias.

1. Formação das categorias síntese

Em um primeiro momento, foram lidas as categorizações de todas as entrevistas. Em seguida, foram eleitas as categorias mais representativas daquele grupo, estando presentes na maioria das entrevistas realizadas. Essas são camadas de *categorias síntese*.

2. Classificação dos temas

Concluído o sistema inicial, composto pelas categorias síntese, foi realizada a classificação dos temas de todas as entrevistas. Nessa classificação, foram incluídos os temas que representam cada uma das categorias, presentes nas entrevistas já analisadas e suas respectivas verbalizações. Para isso, uma mesma tabela, contendo as verbalizações, os temas, subtemas e as categorias, foi desenvolvida. Contudo, neste momento, a tabela é formada pelas categorias síntese e contem verbalizações de todas as entrevistas, conforme modelo apresentado na tabela 2.

Tabela 2. Tabela Utilizada para a Organização dos Dados na Formação das Categorias Síntese

Categoria	Tema	Subtema	Verbalização	Entrevista
1.				
2.				
3.				

4.				

3. Definição das categorias

Nesta etapa foi definida cada uma das categorias formadas (inferência), tanto a definição quanto o nome da categoria foi baseado na própria fala das entrevistadas. Isso significa que ambas advêm do conteúdo verbalizado, sendo que a definição contempla um conjunto de relatos que expressam e explicam o que está contido na categoria síntese.

Para analisar as informações obtidas, o questionário foi analisado de modo descritivo, considerando as respostas fornecidas pelos participantes como: identificação, formação acadêmica, formação continuada e experiência docente.

5 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e suas respectivas discussões, com base na literatura, são apresentados em três seções, integrando os diferentes instrumentos de construção de dados utilizados (questionário e entrevista) e considerando as diferentes categorias investigadas por meio das entrevistas. Na primeira seção, foi analisado e descrito as estratégias docentes utilizadas em processo de ensino aprendizagem da criança com Síndrome de Down da educação regular. Na segunda seção, é apresentada as dificuldades e facilidades presentes na atuação docente junto às crianças com Síndrome de Down no ensino regular. A terceira seção enfoca a concepção docente a respeito da Síndrome de Down e do processo de inclusão escolar dessas crianças.

As professoras que participaram da pesquisa são efetivas na rede municipal e têm longos anos de experiência docente. A professora regente tem 18 anos de docência, mas nunca havia trabalhado com uma criança Síndrome de Down e não tem especialização em educação especial e sua formação continuada acontece através de grupos de estudos e orientações pedagógicas oferecido pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e a professora do Atendimento Educacional Especializado tem 28 anos de docência e 3 no atendimento especializado, com atendimento de duas crianças com Síndrome de Down. Sua formação continuada acontece através de cursos oferecido pela Secretaria Municipal de Educação, especificamente para a educação especial e através de orientações da assessoria pedagógica da prefeitura municipal. A monitora que realiza o trabalho individualizado está cursando pedagogia e não possui nenhuma experiência com crianças com Síndrome de Down, a não ser a convivência com um parente. Não recebe nenhuma formação continuada pela prefeitura, somente as orientações acadêmicas do seu curso.

5.1- Estratégias docentes utilizadas no processo de ensino aprendizagem da criança com Síndrome de Down da educação regular

A análise realizada sobre as estratégias docentes utilizadas em processo de ensino aprendizagem da criança com Síndrome de Down da educação regular apresentou os seguintes temas e subtemas descritos no quadro abaixo.

Tema	SUBTEMA
Como o professor ensina	De maneira harmoniosa (n=1)
O que o professor realiza	Atividades diversificadas (n=1) Atividades que promovam as habilidades (n=1) Diálogo com professor regente (n=2) Trabalho diferenciado. (n=1) Acompanhamento individual. (n=1)
O que precisa ser realizado	Promover a acessibilidade (n=1) Acompanhamento com especialista (n=1)

A respeito das estratégias docentes utilizadas no processo de ensino aprendizagem da criança com Síndrome de Down na educação regular, foi identificado nas entrevistas a respeito de como o professor ensina: de maneira harmoniosa (n=1) – “*de maneira harmoniosa, tranquila*” (E1). Além disso, as entrevistas mostraram o que o professor realiza: atividades diversificadas (n=1) – “*Elaborar atividades que atendam às necessidades: músicas, jogos, quebra-cabeças, massinha, rasgar e recortar, histórias, materiais manipuláveis, rodinha etc.*” (E1); atividades que promovem habilidades (n=1) - “*Atividades que desenvolva a linguagem, a comunicação, os hábitos de rotina e a coordenação motora fina e ampla.*” (E2); diálogo com professor regente (n=2) – “*Há um diálogo com o professor regente no sentido de analisar avanços e dificuldades*” (E2); trabalho adaptado (n=1) - “*(...) faço um trabalho de adequação dos conteúdos da turma às suas limitações*” (E3); acompanhamento contínuo (n=1) - “*Um trabalho contínuo, repetitivo (...) acompanhando esse desenvolvimento*” (E3). Quanto ao o que o professor deveria realizar, as entrevistas mostraram que precisa promover acessibilidade (n=1) - “*No momento se faz necessária (acessibilidade) uma vez que a escola é de dois pavimentos*” (E2); e realizar acompanhamento com especialista (n=1) - “*É a falta de acompanhamento com fonoaudiólogo*” (E3).

Neste sentido, é possível verificar que segundo os entrevistados, o professor ensina de maneira harmoniosa, realizando atividades diversificadas que promovam as diversas habilidades. O professor regente é a referência mas mantém sempre um diálogo com os outros professores. O trabalho realizado com a aluna é diferenciado e mais individualizado. Para Castro e Pimentel (2009, p. 308) “é necessário valorizar as referências individuais, prestar atenção às singularidades e estabelecer, a partir daí, alterações curriculares que

favoreçam aprendizagens.” Pensar e ver o aluno a partir de sua singularidade, requer um repensar no currículo, além de propor um trabalho em parcerias, não só entre os professores mas também entre os alunos. Esse trabalho possibilitará o desenvolvimento da criança, tanto cognitivo, quanto sócio-comportamental, pois a interação entre as diferenças é um rico meio de aprendizagem.

Outro aspecto que, segundo as entrevistadas ainda precisa ser realizado, é melhorar a acessibilidade e um acompanhamento com especialista. Ambos requerem recursos financeiros que dependem de compromisso dos órgãos públicos para serem garantidos, pois a questão da saúde, assim como em todo o Brasil, está precária e os pais dos alunos não têm recursos financeiros para pagar um especialista que possa atender seu(a) filho(a). E ficam anos aguardando uma consulta nas unidades de saúde. E esse é o ponto de maior conflito. Sem a parceria com o especialista, como no caso citado um fonoaudiólogo, o desenvolvimento da oralidade da criança fica comprometido. Há uma quebra no processo de inclusão dessa criança. A acessibilidade é mais fácil, pois os recursos federais chegam mais facilmente, como já é possível visualizar na estrutura arquitetônica da escola foco da pesquisa, em que há rampas, barras e salas no primeiro andar, mas para possibilitar o acesso ao segundo andar já está sendo implantado o elevador, como uma conquista da escola no orçamento participativo e que uma proposta conjunta da escola, afirmando ser esse um compromisso de toda a comunidade escolar. Esta pesquisa vem trazer como resultado a certeza de que uma educação de qualidade requer estratégias docente dinâmicas, diferenciadas e que garanta um trabalho de parceria e automaticamente de qualidade, pois qualquer trabalho realizado em equipe tem sempre maiores chances de alcançar o sucesso.

5.2- Dificuldades e facilidades presentes na atuação docente junto às crianças com Síndrome de Down no ensino regular

Na segunda seção foi tratado quanto às dificuldades e facilidades presentes na atuação docente junto às crianças com Síndrome de Down no ensino regular e apresentou os seguintes temas e subtemas descritos no quadro abaixo.

TEMA	SUBTEMA
Desafio (n=3)	
Dificuldades	Insegurança (n=2) Ansiedade (n=1) Falta de estímulo familiar (n=1)
Facilidade	Rede de apoio(n=1) Os alunos gostam da escola (n=1) Avanços na linguagem dos alunos (n=1) Avanços na aprendizagem (n=1)

Quanto às dificuldades e facilidades presentes na atuação docente junto as crianças com síndrome de down no ensino regular foi identificado nas entrevistas que é considerada um desafio (n=3)- *“Nunca trabalhei com criança com Síndrome de Down. Me senti desafiada.”* - *“É um novo desafio”*- *“Foi um desafio.”* Além disso, as entrevistas apresentaram que as dificuldades encontradas pelos professores foram insegurança (n=2) ansiedade (n=1) - *“Às vezes não me sinto preparada e nem sempre consigo identificar as necessidades”* falta de estímulo familiar (n=1) - *“falta de estímulo em casa que visível.”* Sobre as facilidade foi apresentado nas entrevistas a rede de apoio (n=1) - *“É ajuda da monitora, o apoio da equipe pedagógica e da professora do AEE”* ; os alunos gostam da escola (n=1) - *“Saber que os alunos gostam da escola, dos professores, dos colegas”* , avanços na linguagem dos alunos (n=1) - *“Antes só balbuciava alguns sons e agora pronuncia alguma palavras como mãe e tia.”* Avanços na aprendizagem (n=1) - *“Os avanços acontecem no dia a dia se comportando melhor, acompanhando um historia com a turma.”*

É possível concluir então que é um desafio a atuação docente junto às crianças com Síndrome de Down, mas não deixa de ser gratificante e um crescimento pessoal, apesar da dificuldade quanto à insegurança e ansiedade, como foi descrito nas verbalizações, de saber se o trabalho está adequado ou de não ver resultados imediatos. Por ser um desafio, é normal a ansiedade e a insegurança, pois o professor em sua formação acadêmica é preparado para trabalhar com alunos que aparentemente aprendem da mesma maneira e ao mesmo tempo, ou seja, o professor organizava seu trabalho numa ótica homogênea, com afirma Diniz (2009,p. 29) *“ o modelo da racionalidade técnica que vigorou por muito tempo na formação docente não era e não é capaz de considerar a existência de sujeitos em sua particularidade [...]”* Passar a ver o aluno em sua singularidade, para assim organizar um trabalho que atenda as especificidades causa ansiedade e insegurança. O que o professor precisa ter como certeza é que a formação não termina com a conclusão de um curso, que a formação será contínua

exigindo assim que se torne um constante pesquisador. Pois só através de estudo e prática é que as dificuldades em trabalhar com crianças com Síndrome de Down serão sanadas. Outro subtema destacado é quanto ao estímulo familiar que é muito pouco. Esse é um aspecto é muito abrangente e poderia ser outro tema de estudo, pois a discussão perpassa por definição de responsabilidades e parcerias. As famílias em sua maioria brigam pelo direito de acesso, mas não passam daí, deixando o restante para o professor. Uma família participativa reflete e muito na aprendizagem da criança. Dentre as facilidades destacadas citou-se a rede de apoio, o fato dos alunos gostarem da escola, dos professores e dos colegas, criando assim um ambiente de prazer. Esses dois subtemas culminam com os avanços cognitivos e comportamentais.

A falta de acompanhamento familiar, da motivação em casa e da pouca formação e conhecimento dos professores sobre a Síndrome de Down, foram os fatores que se destacaram como entraves na atuação docente. Desenvolver na família a conscientização de que ela exerce um papel fundamental na educação e no sucesso de seu(a) filho(a) não é muito fácil, pois é muito forte ainda que ensinar é uma obrigação do professor. Para mudar essa concepção é preciso manter um diálogo constante e tentar envolver a família em momentos de socialização, como apresentações e tarefas de casa, onde se constrói junto o conhecimento.

5.3- A concepção docente a respeito da Síndrome de Down e do processo de inclusão escolar

Na terceira seção tratou-se da categoria, a concepção docente a respeito da Síndrome de Down e do processo de inclusão escolar dessas crianças e apresentou os seguintes resultados.

TEMA	SUBTEMA
O que é a SD	O que a internet/livros mostram (n=1)
O que sabe Sobre a criança com SD	São sensíveis Necessitam de estímulos Estabelecem boa comunicação (n=1) São afetivas São teimosas Hiperativas (n=1)
Diferença entre aluno com SD e aluno com desenvolvimento típico.	Limitações intelectuais (n=1)
O que é a inclusão	Acolhimento (n=2) A criança se sentir parte do meio (n=1)
Como ocorre o processo de inclusão na escola	Sem preconceito (n=1) Oferece oportunidades para todos (n=1)
O que falta para a inclusão	Recursos (n=2)

Quanto a concepção docente a respeito da síndrome de down e do processo de inclusão escolar as entrevistas realizadas demonstraram que sobre o que é a Síndrome de Down obteve como resposta: o que a internet e os livros mostram (n=1)- “*É o que estudei na especialização e o que pesquiso na internet e nos livros*”, com relação ao que sabe sobre a criança com Síndrome de Down responderam: são sensíveis, necessitam de estímulos e estabelecem boa comunicação (n=1) –“*são sensíveis, adoram música, necessitam de estímulos e estabelecem boa comunicação*”; são afetivas, são teimosas e hiperativas (n=1) - “*é muito afetiva, teimosa e hiperativa*”. Quanto à diferença entre aluna com Síndrome de Down e aluno com desenvolvimento típico foi respondido que: são as limitações intelectuais (n=1) - “*São as limitações intelectuais que apresenta*”. Quanto o que é a inclusão: responderam que é acolhimento- “*É colher todas as crianças sem exceção*” “*é incluir todos os alunos e não só os que tem NEE.*” “*Todos os alunos na escola aprendendo e desenvolvendo*” ; é a criança se sentir parte do meio (n=1) –“*é quando você inclui a criança no meio e esse meio dá todos*

os respaldos” . Sobre como ocorre o processo de inclusão na escola as entrevistas apresentaram: sem preconceito (n=1)- *“a escola onde trabalho, recebe todos os alunos sem preconceito ou discriminação”* ; oferece oportunidades para todos - *“ dá oportunidade para que todos se desenvolvam respeitando suas particularidades e promovendo ações para o sucesso pedagógico “* Perguntado sobre o que falta para a inclusão responderam: recursos (n=2)- *“pois falta alguns recursos como acompanhamento especializado e ambiente adequado”* . Sobre o desenvolvimento dos alunos: existem varias áreas (n=1)- *“Acredito que sim visto que percebo o desenvolvimento da aluna (...) desenvolvimento da fala. Escreve a vogal A, O, colore dentro do espaço, amassa bolinha de papel, jogos de encaixe e pequenos recortes com o auxilio da tesoura”*.

Com base nas entrevistas realizadas, é possível considerar que as informações sobre a Síndrome de Down são adquiridas pelo professor através da internet e dos livros e de cursos de especialização. Quanto ao o que os professores sabe/conhecem sobre a criança com Síndrome de Down, comentaram que são crianças sensíveis, que necessitam de estímulos, que estabelecem boa comunicação além de serem afetivas, teimosas e hiperativas. Quanto à diferença entre um aluno com Síndrome de Down e um aluno com desenvolvimento típico as entrevistadas consideraram as limitações intelectuais. No que tange à concepção que as professoras têm sobre a inclusão, elas consideraram que é um acolhimento, é a criança se sentir parte do meio e esse meio ter condições de atendê-la em suas necessidades. A respeito de como ocorre o processo de inclusão na escola comentaram que sem preconceito e oferecendo oportunidade a todos, e quanto ao que falta para a inclusão se efetivar de fato consideraram que são os recursos ambientais e humanos, como espaço adequado e o acompanhamento com especialista.

A partir dessa descrição dos resultados, é possível afirmar que nessa escola em que foi realizada a pesquisa o processo de inclusão já teve grandes avanços e o primeiro foi a aceitação voluntária, a compreensão de que é um direito da criança com Síndrome de Down e não uma obrigação. Que cabe à escola propiciar os meios para que essa inclusão se efetive com qualidade, como reforça Alonso (2013, cap. 3),

para que o projeto inclusivo seja colocado em ação, há necessidade de uma atitude positiva e disponibilidade do professor para que ele possa criar uma

atmosfera acolhedora na classe. A sala de aula afirma ou nega o sucesso ou a eficácia da inclusão escolar, mas isso não quer dizer que a responsabilidade seja só do professor. O professor não pode estar sozinho, deverá ter uma **rede de apoio**, na escola e fora dela, para viabilizar o processo inclusivo.

Criar um ambiente inclusivo requer abrir mão de atitudes de poder e passar a ver a educação numa perspectiva democrática. O processo de discutir juntos, pensar juntos e buscar soluções conjuntas é novo para a maioria dos professores, acostumados com uma cultura individualista. Esse trabalho conjunto se reflete na sala de aula, pois os alunos percebem a parceria entre seus professores e passam também a criar hábitos de trabalho em grupo. Mas ainda é um longo caminho a ser percorrido. Nós educadores estamos engatinhando nesse campo da inclusão. Mas os avanços já conquistados são grandes vitórias para as crianças com Síndrome de Down e seus familiares. Os caminhos para a efetivação da inclusão começa pelo desejo dos professores em concretizá-la. Sendo a sala de aula um espaço rico em possibilidades, os profissionais que acreditam na inclusão, saberão usá-lo em prol da mesma. Pequenas ações como acolher com carinho, realizando um trabalho diferenciado, com uma postura aberta ao novo transmitirá à criança e seus familiares a segurança que precisam e que a escola deve propiciar ao educando.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do trabalho de pesquisa, foi proporcionado um diálogo com os professores de forma a analisar as estratégias docentes para a promoção do ensino aprendizagem da criança com Síndrome de Down na Educação regular, bem como identificar as dificuldades e facilidades presentes na atuação docente e as concepções dos professores sobre a Síndrome de Down e o processo de inclusão. O professor procura trabalhar de maneira diferenciada, focando o seu trabalho na busca de resultados qualitativos. Muitos são os entraves, como a falta de recursos, de acessibilidade, de um acompanhamento especializado e de uma motivação constante na família. Mas há também as alegrias, como ver uma criança SD se apoderando do seu conhecimento, rompendo barreiras e descobrindo um mundo antes distante da realidade.

A promoção da formação continuada para os professores é um caminho promissor para a promoção de uma educação inclusiva, pois através do conhecimento é que o professor tem condições de repensar sua prática, reavaliando e redirecionando-a para o caminho da construção de um mundo melhor. Outro fator que merece destaque é que a escola deve se abrir para a inclusão, criando não só condições físicas mas também humanas. Ou seja, a comunidade escolar está envolvida na inclusão, tendo um novo olhar sobre a Síndrome de Down, rompendo as barreiras do medo e podendo contribuir nas pequenas ações com a consolidação de um sonho, que é de que todos possam ter os mesmos direitos, sendo respeitados em suas singularidades.

Espera-se que esta pesquisa possa nortear saberes e ações tanto de gestores quanto de professores, na formação de concepções e valores para efetivação da inclusão nessa comunidade escolar, possibilitando assim a formação de cidadãos críticos e participativos. O trabalho em equipe merece momentos de estudo e reflexão envolvendo toda a rede de apoio escolar, pois conforme afirma Alonso (2013), cada um é coautor na efetivação do trabalho de inclusão na escola.

Portanto, é possível considerar que esta pesquisa, embora tenha limitado sua investigação a um único contexto escolar, considerando somente a perspectiva dos professores e monitor da criança, poderá gerar a necessidade de novos estudos

complementares que possam continuar contribuindo com o avanço do conhecimento a respeito do ação docente na promoção do processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança com Síndrome de Down. Por exemplo, conhecer como os próprios alunos com Síndrome de Down tem vivido essa experiência, assim como a equipe gestora e a própria família da criança, poderia ser enriquecedor e complementar. Ficam então, muitos outros desafios para serem vividos e superados na expectativa de se promover um contexto de ensino e de aprendizagem que seja eficiente para todos.

Apesar disso, da constante necessidade de continuidade do avanço do conhecimento, é possível considerar que este estudo trouxe contribuições sociais, uma vez que já provocou um início de debate e reflexão a respeito do papel do professor, da ação docente e de sua importância para o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança com Síndrome de Down, assim como também está propiciando um avanço teórico à medida que, timidamente, apresenta informações quanto ao processo de ensino e aprendizagem dessas crianças, que podem vir a subsidiar novos estudos, provocando a continuidade de mais pesquisas nessa direção.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Daniela. Os desafios da Educação Inclusiva: foco nas redes de apoio. Revista Nova Escola. Fevereiro/2013.
- ALVES, Fátima. Para entender Síndrome de Down. Rio de Janeiro: Wak, 2007.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: adaptações curriculares. Brasília, 1999.
- CASTRO, Antonilma Santos Almeida, PIMENTEL, Susana Couto. Atendimento Educacional específico. Síndrome de down: desafios e perspectivas na inclusão escolar. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 303-312. <http://books.scielo.org>
- COELHO, Cristina M. Madeira. Curso de Especialização. Livro “Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.”, Capítulo 2, p. 55, 2010.
- DESSEN, M. A., CERQUEIRA-SILVA, S. Desenvolvendo sistemas de categorias com dados de entrevistas. In: Pesquisando a Família ed. Curitiba: Juruá, 2009, v.1, p. 43-56.
- DINIZ, Margareth. Educação em Direitos Humanos. Desafios da contemporaneidade. Formação para a diversidade e a inclusão: dilemas da contemporaneidade. Caleidoscópio, UFOP, 2012.
- FIGUEIRÓ, Nivalda de Souza, MOUSSA, Ibrahim Georges Cecyn. Educação Especial Inclusiva, Neuropsicopedagogia: Um olhar sobre a diferença. 15 de agosto 2011.
- MACIEL, Diva Albuquerque, RAPOSO, Mírian Barbosa Tavares. Curso de Especialização. Livro “Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.”, Capítulo 3, 2010.
- PENA, Gil. A deficiência intelectual em indivíduos com síndrome de Down é consequência de uma privação cultural, não uma determinação genética. <http://blog.disdeficiencia.net/2009/07/05>.
- Portal Brasil. Ministério da Educação <http://www.brasil.gov.br/educacao/2015/03>.
- VOIVODIC, Maria Antonieta Machado de Almeida. Inclusão Escolar de crianças com Síndrome de Down. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- VYGOTSKY, Levi Semenovitch. Formação Social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE

APÊNDICE – A - Questionário de Caracterização do Professor

Prezado (a) Professor (a)

Sou aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, pela Universidade de Brasília – UnB, e estou fazendo uma pesquisa com o objetivo de investigar sobre as **Estratégias Pedagógicas Docentes para a Promoção de Ensino Aprendizagem da criança com Síndrome de Down da Educação Regular** e para isso solicito sua colaboração preenchendo esse questionário.

Suas respostas serão utilizadas apenas para o fim de estudo na pesquisa. Sua identidade será preservada. Certa de sua colaboração desde já agradeço.

Ermelinda C. Domingues Silva

IDENTIFICAÇÃO

1 – Sexo

masculino feminino

2 - Idade

Até 24 anos 25 a 35 anos 36 a 45 anos 46 a 55 anos Mais de 55 anos

3 - Estado civil

Solteiro(a) Casado(a) Viúvo(a) Divorciado(a)/Separado(a)

4 – Filhos

Sim Quantos? (____) Não

5 - Formação:

Magistério Especialização em educação inclusiva

Superior _____ Outros _____

6 - Há quanto tempo você trabalha como professora?

Até 5 anos Entre 5 e 10 anos Entre 10 e 20 anos Mais de 20 anos

7 - Há quantos anos exerce esta função nesta escola?

Até 5 anos Entre 5 e 10 anos Entre 10 e 20 anos Mais de 20 anos

9 - Você participa de cursos de formação continuada?

sim não

10 - Que espaços de formação lhe são oferecidos?

oficinas orientações pedagógicas grupos de estudo Outros _____.

Com que frequência ocorrem? semanalmente quinzenalmente mensalmente

outros _____

11 - Existe diferença entre dar aulas para alunos com deficiência intelectual e alunos sem necessidade especial? sim não

12 - Em que medida a sua formação inicial (graduação/licenciatura) contribuiu para a sua atuação no contexto da inclusão? E a especialização? (se tiver feito).

APÊNDICE B- Roteiro de entrevista para o Professor Regente

Prezado (a) Professor (a)

Sou aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, pela Universidade de Brasília – UnB, e estou fazendo uma pesquisa com o objetivo de investigar sobre as **Estratégias Pedagógicas Docentes para a Promoção de Ensino Aprendizagem da criança com Síndrome de Down da Educação Regular** e para isso solicito sua colaboração participando de uma entrevista semi estruturada.

Suas respostas serão utilizadas apenas para o fim de estudo na pesquisa. Sua identidade será preservada. Certa de sua colaboração desde já agradeço.

Ermelinda C. Domingues Silva

PARTE 1 - As estratégias docentes utilizadas no processo de ensino aprendizagem das crianças com síndrome Down no ensino regular

- 1- Como os alunos sem Necessidades Educacionais Especiais (NEE) interagem com a aluna com Síndrome de Down?
- 2- Qual a sua contribuição enquanto mediador dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) no processo de ensino e aprendizagem escolar?
- 3- Foi necessário realizar alguma mudança na sua forma de planejar as aulas para melhor atender as especificidades?
- 4- Você considera que suas estratégias docentes são eficazes para a inclusão?
- 5- Você tem percebido avanços no ensino aprendizagem dessa criança? Quais?
- 6- Que mudanças na escola você considera necessárias para melhor atender alunos com NEE?

PARTE 2 - As dificuldades e facilidades presentes na atuação docente junto às crianças com síndrome de Down no ensino regular

- 1- É a primeira vez em que você tem em sua sala de aula uma aluna com Síndrome de Down?

- 2- O que você sentiu ao saber que teria em sua sala de aula uma aluna com Síndrome de Down?
- 3- Como tem sido essa experiência?
- 4- Quais as dificuldades que você tem enfrentado?
- 5- Como é trabalhar com uma criança com Síndrome de Down?

PARTE 3 - A concepção docente a respeito da síndrome de Down e do processo de inclusão escolar dessas crianças.

- 1- O que você sabe sobre a Síndrome de Down?
- 2- O que é inclusão para você?

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista para o Professor do AEE

Prezado (a) Professor (a)

Sou aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, pela Universidade de Brasília – UnB, e estou fazendo uma pesquisa com o objetivo de investigar sobre as **Estratégias Pedagógicas Docentes para a Promoção de Ensino Aprendizagem da criança com Síndrome de Down da Educação Regular** e para isso solicito sua colaboração participando de uma entrevista semi estruturada.

Suas respostas serão utilizadas apenas para o fim de estudo na pesquisa. Sua identidade será preservada.

Certa de sua colaboração desde já agradeço.

Ermelinda C. Domingues Silva

PARTE 1 - As estratégias docentes utilizadas no processo de ensino aprendizagem das crianças com síndrome Down no ensino regular

- 1- Sabendo que tanto o acesso a escolarização em escolas comuns quanto ao AEE (Atendimento Educacional Especializado) são direitos do aluno com deficiência, qual seu papel nesse processo?

- 2- Que avaliação você faz do Atendimento Educacional Especializado?
- 3- Qual o objetivo das salas de AEE?
- 4- Como você elabora o seu planejamento? Há um diálogo com o professor regente?
- 5- Que atividades normalmente são trabalhadas para promover a aprendizagem da criança com Síndrome de Down?
- 6- Que mudanças na escola você considera necessárias para atender alunos com NEE?

PARTE 2 - As dificuldades e facilidades presentes na atuação docente junto às crianças com síndrome de Down no ensino regular

- 1- Quais são as maiores dificuldades encontradas no seu trabalho?
- 2- Quais são os pontos positivos?

PARTE 3 - A concepção docente a respeito da síndrome de Down e do processo de inclusão escolar dessas crianças.

- 1- O que você sabe sobre a Síndrome de Down?
- 2- O que é inclusão para você?

APÊNDICE D- Roteiro de entrevista para o Monitor

Prezado (a) Professor (a)

Sou aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, pela Universidade de Brasília – UnB, e estou fazendo uma pesquisa com o objetivo de investigar sobre as **Estratégias Pedagógicas Docentes para a Promoção de Ensino Aprendizagem da criança com Síndrome de Down da Educação Regular** e para isso solicito sua colaboração participando de uma entrevista semi estruturada.

Suas respostas serão utilizadas apenas para o fim de estudo na pesquisa. Sua identidade será preservada. Certa de sua colaboração desde já agradeço.

Ermelinda C. Domingues Silva

PARTE 1 - As estratégias docentes utilizadas no processo de ensino aprendizagem das crianças com síndrome Down no ensino regular

1- Como você organiza o seu trabalho? Há uma parceria com o professor regente?

2- Você tem percebido avanços no ensino aprendizagem dessa criança? Quais?

3- Qual a sua contribuição no processo ensino aprendizagem dessa aluna?

4- Você avalia que a afetividade foi um fator determinante no desenvolvimento do processo ensino aprendizagem?

PARTE 2 - As dificuldades e facilidades presentes na atuação docente junto às crianças com síndrome de Down no ensino regular

1- Como é trabalhar com uma criança com Síndrome de Down?

2- Qual sua maior dificuldade na promoção do ensino aprendizagem da criança com Síndrome de Down

PARTE 3 - A concepção docente a respeito da síndrome de Down e do processo de inclusão escolar dessas crianças.

1- O que você sabe sobre a Síndrome de Down?

2- O que é inclusão para você?

ANEXO

ANEXO A



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Da: Universidade de Brasília– UnB/Universidade Aberta do Brasil – UAB

Polo:

Para: o(a): Ilmo(a). Sr(a). Diretor(a):

Instituição: Escola Municipal Vilma de Faria Silva

Carta de Apresentação

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V. S^a o(a) cursista pós-graduando(a) _____, que está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com professores, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone:

Atenciosamente,

Coordenador(a) do Pólo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar: **Prof^a Dr^a Diva Albuquerque Maciel**

ANEXO – B



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Aceite Institucional

O (A) Sr./Sra. _____ (*nome completo do responsável pela instituição*),
 da _____ (*nome da instituição*) está de acordo com a realização da pesquisa

_____ de responsabilidade do(a) pesquisador(a) _____, aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar no Instituto de Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano da Universidade de Brasília, realizado sob orientação da Prof. Doutor/Mestre. _____.

O estudo envolve a realização de _____ (*entrevistas, observações e filmagens etc*) do atendimento _____ (*local na instituição a ser pesquisado*) com _____ (*participantes da pesquisa*). A pesquisa terá a duração de _____ (*tempo de duração em dias*), com previsão de início em _____ e término em _____.

Eu, _____ (*nome completo do responsável pela instituição*), _____ (*cargo do(a) responsável do(a) nome completo da instituição onde os dados serão coletados*), declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidade como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

_____ (local), ____/____/____ (data).

 Nome do (a) responsável pela instituição

 Assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição

ANEXO C

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre_____. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de _____
(*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como _____(*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Professor

Nome do Professor: _____

E-mail(opcional): _____